

DOI: 10.21204/2359-375X/

Preparação x Improviso: Reflexões sobre a Representação do Técnico e do Jogador Brasileiro na Imprensa Nacional

Preparing x Improvisation: reflections about the representations of coach and brazilian player in the national press

Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO¹

Ronaldo HELAL²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Partimos da ideia de que a construção mítica do futebol como representação da nação brasileira destacou o jogador nacional como quem possuísse um talento distinto. Formulada no contexto dos anos 1930, onde uma nova identidade nacional era edificada, características como improviso e individualidade foram demarcadas como sinônimos de "brasiliidade". Para nós, esta conjuntura designaria pouco destaque ao treinador da seleção brasileira, que organizaria a equipe para um jogo coletivo. Neste sentido, vamos investigar as narrativas de três jornais (*Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Folha da Manhã*) no dia seguinte a primeira conquista nacional de uma Copa do Mundo, em 1958. Nosso foco será responder a duas questões: a) se a identidade nacional arquitetada nos anos 1930 foi remodelada após o título e b) se o treinador foi exaltado nas narrativas jornalísticas sobre este triunfo.

Palavras-Chave

Jornalismo; Imprensa nacional; Representações; Futebol; Técnico; Jogadores.

Abstract

We start from the idea that the mythical construction of soccer as a representation of the Brazilian nation emphasized that the Brazilian players had a distinct talent. Formulated in 1930's, where a new national identity was built, features such as improvisation and individuality were demarcated as synonyms of "brazilianness". For us, this conjuncture would designate little attention to the coach of the Brazilian team, who would organize the team to a collective game. In this paper, we will investigate the narratives of three newspapers (*Jornal do Brasil*, *O Globo* and *Folha da Manhã*) in the next day of the first national winning of the World Cup in 1958. Our focus will be to answer two questions: a) if the national identity architected in 1930's was remodeled after the title and b) if the coach was exalted in the newspaper narratives of this triumph.

Keywords

Journalism; National press; Representations; Soccer; Coach; Players.

RECEBIDO EM 03 DE FEVEREIRO DE 2017
ACEITO EM 11 DE JUNHO DE 2017

¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Esporte e Cultura e pesquisador associado do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/UERJ). Contato: filipemostaro@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa Esporte e Cultura e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/UERJ). Contato: rhelal@globo.com

Introdução

“Somos 200 milhões de técnicos.” Esta frase, constantemente reproduzida pelos meios de comunicação, indica a conflituosa e agitada posição do treinador de futebol, em especial o da seleção brasileira. Por se tratar de um dos pilares da formação da identidade nacional nos anos 1930, o futebol se enraizou de maneira robusta na sociedade brasileira tornando-se um mapa cultural de fácil trânsito comunicacional. Cada um teria sua opinião sobre esquemas, escalações e convocações dos jogadores. Mais do que isso, o trabalho do treinador é frequentemente criticado no caso de derrota. Já no caso de vitória, ele seria exaltado ou esquecido? No presente artigo vamos refletir sobre essa representação do treinador, destacando as mudanças das identidades consideradas rígidas e unificadas para flexíveis e fragmentadas.

Um dos principais pilares de nossa argumentação é a construção do futebol brasileiro como distinto, focado no improviso e drible, que constantemente é cunhado na imprensa como “futebol-arte³”. Tal edificação teve seu embrião no artigo *Football Mulato* de Gilberto Freyre, escrito durante a Copa do Mundo de 1938 e publicado no jornal *Diário de Pernambuco* no dia 17 de junho do referido ano. Freyre distinguiu a capacidade do jogador nacional frente ao europeu associando a um talento nato para a dança e os esportes, creditado à miscigenação. Acreditamos que tal pensamento foi usado para a idealização do futebol como sintetizador da cultura nacional ao integrar negro, índio e branco, criando o mito da democracia racial. Além disso, a concepção de que o jogador brasileiro era distinto foi arraigada na representação mítica do futebol nacional como excepcional, sendo um de seus principais sustentáculos.

Entendemos que ao se basear no improviso e no talento do jogador, não se destaca o jogo coletivo, e consequentemente, o papel do treinador, que prepararia a equipe para o jogo, seria pouco valorizado. Neste prisma, vamos analisar como as narrativas midiáticas elaboram as representações dos treinadores e dos jogadores, sedimentando ou redirecionando os sentidos sobre esses atores. Para isso elencamos a

³ Para um maior detalhamento de como a imprensa nacional abordou o futebol-arte ao longo das Copas do Mundo, ver *Imprensa e Futebol-arte: as narrativas da "nossa essência futebolística"* (MOSTARO, 2017).

Copa de 1958, a primeira que o Brasil venceu, para investigar tal questão. Nosso objetivo é compreender se essa identidade delineada nos anos 1930 foi confirmada ou foi alterada nesta conquista. Nosso *corpus* de análise será o dia seguinte após as conquistas nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha da Manhã*.

Na primeira parte do artigo vamos apresentar como os embates sociais constroem as identidades, enfatizando o contexto brasileiro dos anos 1930. Posteriormente nosso foco será apresentar como a Copa do Mundo penetrou no imaginário social do brasileiro, buscando compreender seu papel no reforço de identidades nacionais. Logo após, refletiremos sobre a posição atribuída aos jogadores e aos treinadores nos enquadramentos sociais sedimentados pelas narrativas midiáticas para entrarmos efetivamente na análise dos periódicos supracitados.

Identidades como enquadramentos sociais

Partimos da compreensão de que as identidades são construções sociais que reúnem atributos, características, mitos, crenças e narrativas de determinados grupos sociais em representações que pretendem impor uma rigidez e coesão, projetando uma singularidade. Por mais que esses processos esqueçam a pluralidade de tais formações eles foram eficazes na organização dos Estados-nação, conforme destaca Stuart Hall (2011). Como apontamos em trabalhos recentes, esses estereótipos “incutiam valores e sentidos às nações, distinguindo-a e demarcando sua diferença frente às outras” (MOSTARO, HELAL, 2016), erguendo um “senso comum⁴” sobre as representações das nações. Acreditamos que essas identidades passam por um conflito interno entre campos que intentam se tornar hegemônicos e arquitetam a ideia do que seria “o nacional” dentro de uma perspectiva que lhe será conveniente. Dentro do conceito de Pierre Bourdieu (2004) quem domina o campo em determinado contexto, define as regras e simbologias do próprio campo, conservando ou modificando seus sentidos. Por isso os campos estão em permanente batalhas, “onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre

⁴ A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009, p. 45): “senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é, uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião.” Além disso, o senso comum atua como “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade” (SODRÉ, 2009, p. 45).

posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2003, p.255).

Conforme colocam Berger e Luckmann (1978):

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada por relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. (BERGER e LUCKMANN, 1978, p. 228).

Assim, as identidades se modificam e se reestruturam e o investigador tem que ficar atento aos contextos sociais onde elas surgem e se modificam. O período em que o futebol foi utilizado como instrumento de identidade nacional coincidia com o contexto dos anos 1930, onde as ideias de miscigenação e democracia racial passaram a vigorar. O contexto do governo de Getúlio Vargas junto com as ideias disseminadas por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* e pelo cronista esportivo Mário Filho em seu jornal, geraram um universo propício para a junção futebol-nação.

Recordemos também de Moscovici (2012) que nos ensina que as representações sociais ajudam a tornar familiar o que seria exótico, distante. Sua função seria instaurar uma ordem que possibilite as pessoas orientar-se em seu mundo social e controlá-lo, além de fornecer códigos para nomear e classificar, sem ambiguidades, os diversos aspectos da história social e individual (MOSCOVICI, 2012).

A noção do futebol como algo tipicamente nacional, bem como outros elementos como o samba, que também reforçava o lado corporal e mestiço do brasileiro, foi algo construído por agentes sociais (política, academia, imprensa).

Nossa intenção é indicar que nesta seleção do que seria “a” representação nacional, a miscigenação, e conseqüentemente o futebol, surgem como uma explicação simples, direta e engessada sobre algo que é complexo e fluído como as características que formariam uma nação. Em suma, tenta-se estabilizar algo instável, realizando enquadramentos sociais que metaforizariam e resumiram toda a cultura nacional em uma suposta singularidade inerente a todo brasileiro. Neste prisma, acreditamos que a difusão, através dos meios de comunicação, destes enquadramentos como o “modo correto” de se interpretar o país, atingem de maneira profunda o imaginário social, criando mapas culturais sobre a

nação que servirão para o sentido de pertencimento, reconhecimento e lealdade dos indivíduos (HELAL e MOSTARO, 2016).

Nesta linha de raciocínio, trazemos para a nossa análise a ideia de enquadramento ou *framing* de Erving Goffman (1986). Para o autor as performances presentes nas interações cotidianas são guiadas por padrões anteriormente compreendidos e convencionados pelos indivíduos que participam da sociedade, criando uma “situação social” na qual os signos, sejam gestos, ações e palavras são facilmente reconhecidas. Assim, estes “quadros de interação social” fornecem tanto condições quanto definições para elaborar a “realidade social”, sendo fundamentados, compartilhados, adaptados e utilizados como referencial das culturas onde estão presentes. É, por exemplo, as funções professor e aluno dentro do quadro de interação “sala de aula”. Já se espera de antemão, comportamentos condizentes com essas representações. Ressaltamos que em outro contexto interacional, as representações podem mudar, como o professor, por exemplo, em casa ter “outras funções”, sendo apropriado seu ajustamento a este novo cenário. O que queremos sublinhar é que na construção de identidades são estabelecidos determinados enquadres que suscitam aos atores funções e ações predeterminadas, que acabam sendo estereotipadas. Desta maneira, o que seria “o futebol brasileiro”? Sempre sinônimo do chamado futebol-arte? Sabemos que não, mas tal enquadramento é realizado constantemente pelos meios de comunicação em situações onde essa identidade nacional elaborada nos anos 1930 se faz presente.

Confiamos que a Copa do Mundo de futebol é um momento ritualístico (GASTALDO, 2002; GUEDES, 1998), que rememora, reforça e ajusta essas identidades nacionais atreladas ao futebol, resgatando a ideia mítica de “país do futebol” a cada quatro anos. Não é difícil perceber as peças publicitárias que invadem os meios de comunicação durante a realização deste evento, procurando reforçar o sentimento nacionalista em torno da seleção, além de decantar o nosso futebol como distinto. Nestas ações, a seleção se transformaria em uma coletividade, a representante de “todos os brasileiros”, principalmente no reforço da metáfora realizada e realçada pela imprensa de que a competição seria um “duelo entre nações”. Acreditamos que estes acionamentos simbólicos e construções de atmosferas de sentidos (GUMBRECHT, 2014) tem no imaginário nacional seu principal sustentáculo.

Entenderemos neste trabalho o imaginário como o principal substrato da elaboração narrativa, e conseqüentemente das representações e classificações de determinados atores sociais. Esse imaginário, segundo Le Goff (1985), circula através da história, culturas e dos grupos sociais. Ele funciona como um museu de imagens passadas, possíveis, produzidas e que ainda serão produzidas (DURAND, 1997, p.6). Essas imagens serão usadas para se concluir, completar e fazer as associações com as representações e narrativas. Apesar da definição de Durand como “museu de imagens”, interpretamos este imaginário como algo mais amplo do que conjunto de imagens. Ele também está repleto de sensações, impulsos, lembranças e sentimentos.

Baczko (1985) segue essa vertente ao defender que é no imaginário que tais sentimentos são aquecidos. Para o autor o *pathos* (paixão), reside no imaginário, fazendo o homem agir, orientando os significados dos símbolos e emblemas. Nesta concepção, consideramos patente o simbolismo que a seleção brasileira de futebol adquiriu como “uma paixão” do torcedor desde 1938, conforme indica Simoni Guedes (2009), o que ratifica a sua importância no imaginário nacional dela ser uma “representante autêntica da nação”⁵. A eficácia desta representação ocorre, para nós, exatamente por se firmar no imaginário coletivo, associando-se a uma narrativa global do país, que reúne esperanças, utopias e mitos (Baczko, 1985, p.325). É a ideia de democracia racial, da miscigenação, que demonstrariam uma unidade, uma singularidade da nação, além de poderem se intitular os “melhores do mundo” a cada vitória da equipe, como as visões jornalísticas designam a cada competição. Baczko (1985) ressalta, corroborando o que acreditamos, que a grande mola propulsora da dinâmica do imaginário é a esperança e certeza da vitória próxima e fácil, exatamente o que o esporte proporciona.

Assim, o imaginário cria uma reciprocidade cultural entre narradores e receptores, auxiliando na definição de situações comunicacionais e, conseqüentemente, induzindo sentidos aos acontecimentos que serão partilhados pelos interlocutores. Além de significados da vida cotidiana, tais molduras, influenciam os modos adequados de participar da sociedade e de momentos como a Copa do Mundo. Assim, se erguem modos de construir narrativas jornalísticas

⁵ Aqui é meritório citar as recentes discussões sobre a diminuição da força da expressão “pátria de chuteiras”, ocasionada por uma fragmentação das identidades no mundo pós-moderno. Essa argumentação torna mais robusta nossa ideia de que o contexto vai interferir nas narrativas.

sobre a competição, de torcer e do que se espera dos atores sociais presentes nesta interação, como os jogadores e treinadores, por exemplo. Contudo, tais situações também são renegociadas a todo instante, mudando seus sentidos a cada enquadre identitário e comunicacional (MOTTA, 2010).

Acreditamos que cultura, imaginário, representações e identidades se articulam e interagem constantemente. Segundo Sodré (2006), a cultura seria uma narrativa de grupos sociais ao criar representações e identidades através do imaginário desses grupos, propondo que a cultura seria o imaginário transformado através das narrativas que visam confirmar consensos, hegemonias e estabilizar pensamentos. Deste modo, entendemos que a ideia do futebol como cultura nacional se encaixa nesta definição.

Jogador x Treinador

Destacamos anteriormente que essa formação da identidade nacional incutiu a ideia de que o jogador brasileiro primava por um suposto talento nato. O que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” remete à alegria, improviso e dribles dos atletas nacionais. Ao falar sobre o estilo de jogo brasileiro na Copa de 1938 e a visão de Freyre, Bernardo Buarque de Hollanda indica que “ao moldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva” (HOLLANDA, 2004, p.62).

Soares e Lovisolo (2011, p.35) enfatizam que ao se valorizar as capacidades individuais, “formar uma equipe significa apenas escolher os melhores e deixá-los jogar: os melhores conheceriam a melhor solução.” Neste sentido a função do técnico da seleção seria interferir o menos possível para não tirar o “brilho natural” do jogador brasileiro. Os autores ainda realçam que na tensão jogo de equipe x jogo individual, as narrativas tendem a enaltecer o jogo individual, como meio de reafirmar nossa identidade. “No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é abafado em função do craque, às vezes escolhido por representar as características do estilo nacional” (SOARES e LOVISOLO, 2011, p. 36). Apesar de acreditarmos que hoje a importância do coletivo ganhou destaque, a figura do craque-herói, que salva a equipe e a nação, ainda é vigorosa nas narrativas midiáticas, como Helal (2001) demonstrou.

Sugerimos que este foco no individualismo, não designa importância à figura do treinador. É como se o atleta brasileiro “nascesse pronto”. Jogadores como Garrincha⁶, por exemplo, ajudaram a reforçar esta narrativa. Assim surgem algumas questões interessantes: se os jogadores jogam na base do improviso, o que o treinador vai “ensaiar”? Se a narrativa do nosso futebol é baseada no jogo individual, qual o papel do treinador, que seria um gestor do futebol em equipe?

Roberto Da Matta (2002) destaca que o futebol é um jogo de incertezas e ressalta a contradição do cargo exercido pelo técnico de futebol. Após enfatizar uma suposta tendência nacional em personalizar culpados, o antropólogo pontua que: “No futebol, o bode expiatório é o técnico. É ele e somente ele quem “personaliza”, cristalizando e agenciando na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade” (DA MATTA, 2002, p.62). É esta representação do treinador que pretendemos investigar.

Outros pensamentos de Erving Goffman (2007) sobre a interação social e a forma com que as representações são construídas são axiais em nosso estudo sobre as representações dos treinadores. Goffman cita por exemplo, a equipe, que seria um grupo de indivíduos que cooperam na encenação de uma rotina particular. Além da associação imediata entre os jogadores e o técnico, destacamos o papel inusitado da imprensa como parte da equipe, principalmente durante a Copa do Mundo, ao contribuir decisivamente com a representação nacional de sermos o “país do futebol” e a “pátria de chuteiras⁷”. Como Goffman (2007, p.132), deixa claro: “O objetivo geral de qualquer equipe é manter a definição da situação que sua representação alimenta”.

Acreditamos que neste “embate” jogo individual x coletivo, o que será realçado e recortado nas narrativas midiáticas é a ideia de genialidade do jogador nacional. Neste caso, o treinador não obterá crédito, pois são características singulares, inerentes ao jogador que construíram a representação da seleção. Nossa hipótese é que na vitória sua parcela de participação é reduzida pela narrativa midiática. Sugerimos que creditar uma importância ao treinador maior do que a genialidade de nosso jogador seria romper de maneira abrupta com a representação enraizada e cristalizada do jogador nacional como alguém com um talento soberbo.

⁶ Para um melhor entendimento dessas narrativas, ler: BARTHOLO e SOARES (2011).

⁷ O termo foi alcunhado pelo dramaturgo Nelson Rodrigues e pretende proporcionar um sentido de associação imediata entre seleção e nação.

Compreendemos a construção da narrativa a partir das proposições Paul Ricoeur (2010). Para o autor, o embrião da narrativa está na elaboração da intriga. Essa intriga selecionaria determinadas ações humanas para compor a narrativa e descartaria outras, ordenando-as, desencadeando determinados sentidos, através de angulações e escolhas. Essa narrativa cria metáforas que organizam e estabilizam determinado acontecimento dentro de uma atmosfera semântica que fará sentido ao receptor, criando uma narrativa similar ao que seria a “realidade”, dentro da ideia aristotélica de mimese.

Luiz Gonzaga Motta (2007) coloca que não existe narrativa “inocente”, “ingênua”. A narrativa jornalística se pretende neutra, como se possível existir o fato sem interpretação, como se este fosse suficiente para ser explicativo. Todavia, a análise de narrativa entende que só o ato de se eleger determinados acontecimentos já denotaria certa tendência “interpretativa”, tendendo para este ou aquele significado(Mota (2013).

Os periódicos foram escolhidos, no caso do *Jornal do Brasil*, por sua ampla circulação nacional na época pesquisada e no caso de *O Globo* e *Folha da Manhã* por serem importantes veículos nas duas maiores capitais brasileiras, atuando como legitimadores e produtores de sentidos nestes locais. A diferença de narrativa e escolhas que farão parte da intriga de cada veículo também será analisada.

Para mapear as intenções e ações das narrativas vamos contabilizar o número de reportagens que falam da seleção brasileira nos jornais, para, logo depois, destacar em quantas delas o técnico foi citado, ressaltando quais associações qualitativas foram feitas sobre este personagem. Será nosso foco a capa dos periódicos e o caderno de Esportes.

Copa de 1958

A competição disputada na Suécia marcou o primeiro título da seleção brasileira em uma Copa do Mundo. Oito anos antes, sediando a competição, a derrota para o Uruguai foi destacada por Roberto DaMatta (1982) como “tragédia nacional”. Tal argumento aguça a importância que o futebol ocupa no imaginário social do país. Notamos aqui o futebol como palco para a dramatização da vida social brasileira, o que DaMatta (1979) aborda de maneira pertinente. Neste sentido, o dramaturgo Nelson Rodrigues escreveu sua emblemática crônica, intitulada *Complexo de vira-latas*, no dia 31 de maio de 1958, na revista *Manchete Esportiva*, uma

semana antes da competição, na qual enfatiza a desconfiança exacerbada do brasileiro em seu potencial e talento.

Esta desconfiança estava presente na narrativa midiática na estreia da seleção, que venceu a Áustria por 3 a 0. Na segunda partida, o empate em 0 a 0 com os ingleses aumentou tal clima. A concepção destacada na narrativa era que na hora da decisão o brasileiro não suportaria a pressão e perderia o jogo. No terceiro e decisivo jogo, o técnico Vicente Feola promoveu a entrada de Pelé e Garrincha e a seleção venceu os russos por 2 a 0.

Nas quartas de final e semifinal, vitória sobre País de Gales por 1 a 0, seguido de um 5 a 2 sobre a França. A seleção chegava a mais uma decisão e as marcas de chamado *Maracanazo* estiveram presentes nas narrativas. Tanto que a capa do *Jornal do Brasil* do dia 1 de julho, edição posterior ao jogo final contra a Suécia, destacou: "Alegria nacional após a tristeza de 1950" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p. 1). Já na página três, a coluna de Benjamim Constallat enfatiza a ideia de mestiçagem e, ao citar a retomada da confiança, podemos inferir uma intenção de destacar uma espécie de fim do "complexo de vira-latas", porém inserindo a concepção de organização e disciplina da equipe.

O Brasil ganhou, domingo, mais do que um campeonato. Ganhou uma nova confiança em si próprio. E merecida, porque revelou não só as qualidades de sua brava raça mestiça, mostrando que atletismo não é privilégio dos arianos nem dos moços loiros. E revelou a sua capacidade de organização, de disciplina e de valor esportivo, que representam o resultado de uma tradição, que o tempo ainda não nos deu como nas velhas nações, mas que a nossa perseverança conseguiram suprir, destruindo a nossa fama de improvisadores. (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.3).

Destacamos que a ideia de improviso, usada na construção do futebol como identidade nacional nos anos 1930 é aqui renegada, sugerindo a incorporação de outros sentidos como o da capacidade de organização que supostamente teria levado o time a vitória. Aqui é interessante refletirmos que, segundo a coluna, a seleção precisou desenvolver uma característica atribuída pelo próprio jornalista como típica de velhas nações, para conseguir vencer. Ou seja, apenas o improviso não nos levaria a conquista, foi preciso adaptar-se a outros atributos de "nações vencedoras" para chegar ao título.

Identificamos no total 28 reportagens com o tema seleção brasileira no *Jornal do Brasil* do dia 1 de julho de 1958. A maior parte delas

abordava o talento de nossos jogadores, outras associavam a conquista a uma união do talento com a organização e a disciplina, como esta manchete da página 19: "Vitória da técnica e da disciplina". Apenas duas reportagens citavam o nome do treinador. Em uma delas, eram exaltados os elogios da imprensa mundial à seleção, sem atribuir ao técnico qualidades específicas: "expressam-se contentes com o brilhante feito do quadro de Vicente Feola" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.21). Na mesma página outra menção ao treinador: "A máquina de Vicente Feola, vestindo uniforme diferente dos outros compromissos, lutando contra um terreno pesado e uma torcida vibrante que incentivava a todos os minutos a seleção adversária, destruiu a Suécia..." (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.21).

Nestas duas passagens entendemos que o técnico aparece como comandante e organizador da equipe, todavia sem designar a ele sentidos da vitória, como a narrativa apresentada sobre os jogadores. Este trecho do jornal inglês *Daily Herald* reproduzido na página 21, destaca Garrincha: "Os ágeis mestres do Brasil se inspiraram para escrever a maior sinfonia do futebol do nosso tempo com um rapaz de pele morena que se chama Garrincha - o passarinho" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.21). O jornal finlandês *Uusi Suomi* também é citado pela reportagem, destacando "o trabalho de conjunto nunca visto" e uma "habilidade dos brasileiros esplêndida", ao mesmo tempo em que afirma: "difícil dizer qual era o melhor. Os cinco: Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagallo, foram jogadores fenomenais." Essa construção narrativa de trazer para a fachada notícias positivas de jornais de países como Suécia, Portugal, Itália, Chile, Colômbia, Finlândia, Argentina, França, Áustria e Inglaterra, que exaltaram a conquista nacional, funciona, no nosso entendimento, como a visão dos outros sobre nós, ajudando a moldar o enquadramento pretendido pelo jornal e estabelecendo uma identidade.

O jornal *O Globo* destaca na sua edição do dia 30 de junho a festa nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, exaltando a primeira conquista de uma seleção sul-americana de uma Copa do Mundo na Europa. Contabilizamos 18 reportagens sobre a seleção nacional, dentre elas, quatro falavam de Feola. Na página um, o jornal já indica o caminho de sua narrativa, que será mais incisiva ao destacar a organização, se comparada ao *Jornal do Brasil*. "merecem os maiores elogios aos nossos jogadores, seu técnico Feola, todos os dirigentes da delegação e esse dinâmico e dedicado presidente da CBD, João Havelange, que, após a

grande vitória para a qual tanto colaborou, chorava emocionado ao receber os cumprimentos que lhe chegavam de toda parte” (O GLOBO, 30/06/1958, p.1). Na página três o jornal cita o nome do treinador pela primeira vez, mas sem enaltecer algum atributo que pudesse creditar a ele a vitória, apenas suas ações, que se assemelham aos atos que se espera de um torcedor no enquadramento sobre a Copa do Mundo presente no imaginário nacional: “Bellini desceu e dirigiu-se a Vicente Feola, entregando-lhe o troféu. O treinador brasileiro, emocionado, depois de abraçar-se com seu capitão, agarrou o troféu, beijando-o, ao mesmo tempo que chorava de alegria” (O GLOBO, 30/06/1958, p.3).

Na página sete a narrativa mais destacada sobre o treinador, não apenas citando-o como organizador da equipe, e sim com elogios diretos. Após uma entrevista, onde Feola declarou ser um dia de glória para o futebol brasileiro e felicitou os adversários, o jornal coloca na região de fachada a seguinte declaração de Pelé: “O trabalho do nosso chefe Feola, mostrou-nos o caminho da vitória. Seguimos os conselhos e ganhamos. E mostramos ainda que disciplina e ordem não fazem mal a ninguém” (O GLOBO, 30/06/1958, p.7). Detalhe para, novamente, o reforço da disciplina e ordem como fatores expressivos na vitória. Na página dez, após uma retrospectiva da seleção na competição, o periódico resume a sua linha narrativa ao enaltecer jogadores e dirigentes, sem se esquecer de deixar na fachada a derrota de 1950: “Uma grande vitória que premiou justamente os esforços dos jogadores e dirigentes brasileiros e que encheu de orgulho e satisfação toda a torcida nacional, compensando com juro a frustração de 1950” (O GLOBO, 30/06/1958, p.10).

Em ambos os periódicos, constatamos que além do talento do jogador brasileiro a organização e disciplina foram reforçadas e incorporadas às narrativas dos jornais sobre a seleção durante a Copa. Porém, em nenhum momento estas qualidades foram associadas a Vicente Feola e sim ao presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), João Havelange.

Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange assumiu a presidência da CBD três meses antes da Copa do Mundo e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição. Nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como chefe da delegação. Paulo definiu a comissão técnica, e planejou minuciosamente as ações da seleção, desde a apresentação dos jogadores até a partida final. Foi Paulo que escolheu Vicente Feola com treinador. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e

se preparado tanto para uma competição. Até um psicólogo foi contratado para avaliar os jogadores e tentar identificar, sem sucesso, a causa de nosso suposto destempero emocional nas decisões⁸.

Na página seis no jornal *O Globo*, um destaque a João Havelange com a manchete: "Havelange e a seleção de ouro". A narrativa exalta as qualidades do dirigente creditando a ele uma parcela considerável na vitória. Na construção da intriga, ambos os jornais preferiram selecionar as ações de Havelange e colocá-las na fachada, deixando o papel do técnico como coadjuvante. Ao selecionar tais acontecimentos, se molda uma representação pouco destacada de Feola.

No jornal *Folha da Manhã*, que se transformou em *Folha de São Paulo* em 1960 após a fusão com a *Folha da Noite*, apuramos cinco reportagens que falavam sobre a seleção e nenhuma delas citou o treinador. Todavia, na página 11 encontramos fragmentos de jornais estrangeiros sobre a conquista nacional. A *Folha da Manhã* seleciona os seguintes trechos para compor sua intriga: Jornais suecos destacam: "o Fenômeno Garrincha não poderá jamais ser esquecido". O *Paris Journal*: "Fenomenais artistas da bola" e "O conjunto da equipe brasileira forma um todo homogêneo, muito completo. Um Didi, um Pelé, fariam a felicidade de não importa que equipe europeia. Mas há ainda o terrível ponta Garrincha...".

O mesmo jornal traz um importante editorial na página seis, contendo contribuições pertinentes a nossa investigação, como neste trecho:

O resultado final de domingo teve ainda o mérito de revelar que somamos ao apego brasileiro ao futebol e às inegáveis habilidades individuais dos nossos atletas, outros fatores indispensáveis de triunfo: disciplina, conjunto e boa organização. Sabe-se que a improvisação, o estrelismo e a rebeldia sacrificaram, numerosas vezes, as nossas aspirações ao título mundial. (FOLHA DA MANHÃ, 01/07/1958).

Notamos nesta passagem que o improviso é rejeitado e colocado como motivo de derrotas em outras competições, mas sem deixar de evidenciar a habilidade individual do jogador nacional. Aflora, assim como no *Jornal do Brasil* e no *O Globo*, a exaltação a organização e disciplina.

⁸ Um dos argumentos foi a partida contra a Hungria na Copa de 1954, que após perder por 4 a 2, a seleção nacional protagonizou uma briga generalizada no túnel que dava acesso aos vestiários envolvendo jogadores e comissão técnica dos dois países. Tais incidentes serviam de combustível para os que alegavam falta de controle emocional aos atletas nacionais.

Esta construção elucida bem a ideia de como os campos estão em constantes disputas, negociando e remodelando as identidades.

Sugerimos que a ideia de modernidade e planejamento estava em voga no contexto nacional com a construção de Brasília e o slogan de “cinquenta anos em cinco” do presidente em exercício durante a competição, Juscelino Kubitschek. Como a identidade está em constante diálogo com a sociedade, sugerimos que a organização emerge como algo presente no imaginário nacional e suscetível de ser associado a nossa identidade, conforme alguns trechos acima citados apregoam. Em suma, no contexto da época, fazia sentido incorporar tais atributos à seleção nacional e, conseqüentemente, dentro da simbiose seleção-nação, ao novo enquadramento sobre a identidade nacional.

Considerações Preliminares

Consideramos que a identidade elaborada nos anos 1930, foi usada como fio condutor da continuidade de um grupo social, todavia, tal continuidade pode sempre ser reinterpretada e trilhar outro rumo após o embate entre campos e a negociação e inclusão de novos atributos. Essas novas características influenciaram os novos sentidos pretendidos no contexto da Copa de 1958.

Acreditamos que estes conflitos entre campos fazem parte de um autêntico jogo entre visibilidades de narrativas que tem na imprensa um porta-voz importante na sedimentação do imaginário social. Neste sentido, confiamos que os três periódicos, em geral, ao destacar notícias que promoveram o jogador nacional e sua habilidade, confirmaram a construção de 1938 que seríamos artistas, malabaristas da bola. Por outro lado, a ideia de improviso recebeu uma posição menos destacada nos jornais do que a prevista por nossa hipótese, sendo até rejeitada, rearticulando, assim, nossa identidade futebolística na narrativa da conquista de 1958.

A representação do técnico seguiu as expectativas iniciais que postulamos na parte teórica deste trabalho, sendo pouco enfatizada na vitória. A incorporação dos predicados organização e disciplina na narrativa midiática também como fatores determinantes na conquista, não foram associados ao técnico e sim a um dirigente, que anos mais tarde seria presidente da FIFA. Acreditamos que esta associação contribuiu para o fortalecimento da representação de Havelange como bom organizador e administrador, e que, com as conquistas posteriores da seleção nacional, nas Copas de 1962 e 1970, cristalizaram sua imagem como “homem de

sucesso". A presença de Paulo Machado de Carvalho na organização da seleção não pode ser ignorada em nossa análise. Sendo "um homem de imprensa" sugerimos um tom mais ameno nas críticas a esta ordem e disciplina que em outras conjunturas foi a antítese de nossa essência futebolística. As novidades na preparação foram colocadas de modo positivo na fachada e na constituição da intriga dos jornais. Deste modo, a disputa entre improviso e preparação, jogo individual e jogo de equipe, tão maniqueísta na postulação de Freyre, ganhou um capítulo importante na conquista da seleção na Suécia ao colocar supostos polos distintos em diálogo, ajustando o enquadramento identitário ao contexto da época.

Referências

- BACZKO, Bronislaw. "A imaginação social" In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARTHOLO, T. ; SOARES, Antonio J. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, Antonio J. (Orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BORDIEU, Pierre. *Usos sociais da ciência*. Unesp, 2004.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DaMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- DaMATTA, Roberto. *Planejando na incerteza*. CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. In: *Técnicos: deuses e diabos da terra do futebol*. São Paulo: SESC, 2002.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Ed. Presença, 1997.
- ENTMAN, Robert M. *Framing News: Public Opinion and US Foreign Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- Folha da Manhã*, São Paulo, 01 jul, 1958.
- FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 1938, p.4.
- GASTALDO, Edison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. Annablume, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2007.

- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press, 1986.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GUEDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 jul, 1958.
- LE GOFF, Jacques. *L'Imaginaire medieval*. Paris: Gallimard, 1985.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MOSTARO, Filipe e HELAL, Ronaldo. *Jornal da Tarde, 6 de julho de 1982: A imagem como construção se sentidos de uma derrota*. Revista Discursos Fotográficos. V.12, n.20, 2016.
- MOSTARO, Filipe. *Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da "nossa essência futebolística"*. Curitiba: Editora Prismas, 2017
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). *Mídia, Representação e democracia*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jun, 1958.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

Preparação x Improviso: Reflexões sobre a Representação do Técnico e do Jogador Brasileiro na Imprensa Nacional

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Editora Vozes, 2006.

